

Diego Gouveia Moreira

Universidade Federal de

Pernambuco – UFPE

E-mail: diego.moreira@ufpe.br

Adriana Santana

Universidade Federal de

Pernambuco – UFPE

E-mail:

adriana.masantana@ufpe.br

Maria Bianca Samara de

Menezes Torres

Universidade Federal de

Pernambuco – UFPE

E-mail: bianca.torres@ufpe.br



Este trabalho está licenciado sob
uma licença [Creative Commons
Attribution 4.0 International
License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Copyright (©):

Aos autores pertence o direito
exclusivo de utilização ou
reprodução

ISSN: 2175-8689

Contraconduta de gênero e corporeidade intersexo no remake de Renascer: o estabelecimento de novas subjetivações a partir da telenovela

Counter-conducts of gender and intersex embodiment in the Renascer remake: telenovela as a site for new subjectivations

Contraconductas de género y corporalidades intersex en el remake de Renascer: la telenovela como espacio de nuevas subjetivaciones

Gouveia Moreira, D., Maria Andrade de Santana, A., & Bianca Samara de Menezes Torres, M. Contraconduta de gênero e corporeidade intersexo no remake de Renascer: O estabelecimento de novas subjetivações a partir da telenovela. *Revista Eco-Pós*, 28(2), 433–456.
<https://doi.org/10.29146/eco-ps.v28i2.28498>

RESUMO

Remakes de telenovelas têm se afirmado como estratégias narrativas relevantes para atualizar debates sociais e ampliar representações. Em *Renascer*, exibido pela Rede Globo, em 2024, reformulações de personagens promovem avanços na abordagem de gênero e das variações corporais intersexo. Este artigo analisa os discursos mobilizados pela trama como dispositivos de subjetivação que regulam modos de existência. A transformação de Buba — de personagem intersexo para mulher trans — e a introdução de Cacau, bebê intersexo, tensionam normas e visibilizam experiências dissidentes. Essas narrativas instauram práticas de contraconduta, resistindo aos regimes hegemônicos de governamento da vida. O remake torna-se espaço simbólico de disputa, resignificação e humanização, abrindo caminho para novas possibilidades de existência e reconhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: *Telenovela; Contraconduta; Transgeneridade; Intersexo; Subjetivação.*

ABSTRACT

Telenovela remakes have emerged as relevant narrative strategies for updating social debates and expanding representations. In *Renascer*, broadcast by Rede Globo in 2024, character reformulations advance discussions on gender and intersex bodily variations. This article analyzes the discourses mobilized by the plot as devices of subjectivation that regulate modes of existence. The transformation of Buba — from an intersex character to a trans woman — and the introduction of Cacau, an intersex baby, challenge normative frameworks and bring dissident experiences into visibility. These narratives establish practices of counter-conduct, resisting hegemonic regimes of life governance. The remake thus becomes a symbolic space of dispute, re-signification, and humanization, opening paths to new possibilities of existence and recognition.

KEYWORDS: *Telenovela; Counter-conduct; Transgenderity; Intersexo; Subjectivation.*

RESUMEN

Los remakes de telenovelas se han consolidado como estrategias narrativas relevantes para actualizar debates sociales y ampliar las representaciones. En *Renascer*, emitida por Rede Globo en 2024, las reformulaciones de personajes impulsan avances en la representación de género y de las variaciones corporales intersexuales. Este artículo analiza los discursos movilizados por la trama como dispositivos de subjetivación que regulan los modos de existencia. La transformación de Buba — de personaje intersexual a mujer trans — y la introducción de Cacau, un bebé intersexual, tensionan las normas y visibilizan experiencias disidentes. Estas narrativas instauran prácticas de contraconducta, resistiendo a los regímenes hegemónicos de gobierno de la vida. El remake se configura como un espacio simbólico de disputa, resignificación y humanización, abriendo camino a nuevas posibilidades de existencia y reconocimiento.

PALABRAS CLAVE: *Telenovela; Contraconducta; Transgeneridad; Intersexo; Subjetivación.*

Submetido em 12 de maio de 2025.

Aceito em 07 de setembro de 2025.

Introdução

O remake da novela *Renascer*, exibido em 2024 pela Rede Globo de Televisão, reconta a clássica história escrita por Benedito Ruy Barbosa, em 1993, mas sob uma nova ótica, atenta às transformações sociais e políticas das últimas três décadas. Um dos aspectos mais marcantes dessa atualização é a presença de personagens Lésbicas, Gays, Bi, Trans, *Queer*/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Poli, Não-binárias e mais (LGBTQIAPN+), que ganham espaço, complexidade e protagonismo.

Para além da inclusão e visibilidade de personagens e elenco LGBTQIAPN+, a nova história também recebeu atualização na releitura do protagonismo de pessoas negras. Papéis como os de João Pedro, José Bento, José Augusto, Teca, Jacutinga, Damião, professora Lu e Quitéria eram encarnados por elenco branco. Essa reconfiguração merece destacada relevância, especialmente quando se leva em conta o fato de que, em décadas de produção pregressa de teledramaturgia da Rede Globo, havia escassez aguda de personagens e atores e atrizes negros (Amorim, 2017), com o agravante de que aos papéis destinados aos intérpretes negros e pardos eram designados, eminentemente, postos de *empregados de família*. E, entre esses, pouquíssimos que efetivamente chegavam a protagonizar os folhetins.

Na versão original de *Renascer* (1993), a personagem Buba já desafiava certas normatividades ao ser escrita como hermafrodita — termo então utilizado para designar pessoas intersexo, ou seja, nascidas com características sexuais que não se enquadram nas definições binárias de masculino ou feminino. No remake de 2024, Buba é retratada como uma mulher trans, interpretada por uma atriz trans, o que ressignifica sua existência ficcional e insere sua trajetória em um campo discursivo mais politizado e alinhado aos debates contemporâneos sobre identidade de gênero. Além de Buba, outras personagens LGBTQIAPN+ foram incorporadas à nova versão da novela, como Zinha, uma mulher lésbica, e Cacau, um bebê intersexo. Essas adições e reformulações apontam para um movimento de ruptura, no qual a telenovela não apenas reflete, mas também tensiona e contesta as normas sociais que regulam gênero, sexualidade e corporeidade intersexo, promovendo visibilidade e reconhecimento de experiências dissidentes.

É relevante trazer a perspectiva de que, na década de 1990, o processo recente de redemocratização conduzia à emergência de novos sujeitos políticos. A comunidade LGBT já se

articulava por demandas em torno de direitos civis, visibilidade e despatologização. Esse último aspecto era central, já que a homossexualidade havia sido retirada do Código Internacional de Doenças (CID), pela Organização Mundial da Saúde (OMS), apenas em 1990, mas continuava a ser tratada como desvio ou patologia nos discursos médico-psiquiátricos predominantes no Brasil. (Facchini, 2005; Carrara, 2010). Paralelamente, os corpos intersexo — rotulados sob a nomenclatura patologizante de *hermafroditas*, assim como fez a novela — eram alvo de intervenções cirúrgicas compulsórias, em nome de uma normatização sexual e de gênero imposta por padrões binaristas (Machado, 2008; Pereira; Murta, 2007).

Apesar de *Renascer* inovar ao apresentar, pela primeira vez numa telenovela brasileira, uma das protagonistas como pessoa na condição em que o desenvolvimento físico não seguia as etapas padrão desde o sexo genético até o gênero na idade adulta (Santos; Araújo, 2006), o texto e a interpretação da atriz Maria Luísa Mendonça imprimiam um caráter de descontrole à personagem, associando a uma espécie de neuroatipia. Esse tom podia ser apreendido por intermédio das representações midiáticas da personagem e até pelo modo como o autor, Ruy Barbosa, tratando-a como um *problema*: “Buba realmente é um personagem complicado, mas quero lidar com ela com o maior tato, colocando o amor acima de tudo. O hermafroditismo é um problema que existe: em cada 15 mil bebês que nascem, um é hermafrodita” (Jornal do Brasil, 1993, p. 21).

A escolha do tema é fundamental, considerando a importância da televisão na sociedade. Segundo o Mídia Dados Brasil (2024), a TV está presente em 95% dos lares brasileiros, o que evidencia seu poder de influenciar e educar a população. Fischer (2002) argumenta que a televisão desempenha um papel crucial na formação de indivíduos e subjetividades na sociedade contemporânea. Ao gerar imagens, significados e conhecimentos, de certa forma, contribui para a *educação* das pessoas, ensinando-as a se comportar e a se posicionar na cultura em que estão inseridas.

As emissoras de televisão operam como dispositivos culturais que produzem e disseminam compreensões sobre a realidade social, atuando na construção de sentidos sobre temas como gênero e sexualidade. Segundo Lauretis (1994), a mídia atua como uma tecnologia de gênero. A autora considera, atualmente, que a construção do gênero se dá por meio de diversas tecnologias e discursos institucionais, que têm a capacidade de controlar o campo do

significado social, promovendo e *implantando* representações de gênero. Dessa forma, os meios de comunicação desempenham um papel importante na formação das percepções que as pessoas têm sobre gênero, sexualidade e corporeidade.

O remake de *Renascer* configura-se como uma telenovela que desafia as normas hegemônicas de gênero e corporeidade intersexo, operando como um contraponto às formas de dominação que regulam os modos de existência. Este artigo problematiza como essas duas abordagens são construídas e se produzem novas subjetivações a partir dessas narrativas. Para isso, além de uma revisão bibliográfica sobre dispositivo (Foucault, 2001; Deleuze, 1990; Agamben, 2009), gênero e sexualidade (Butler, 2016; Preciado, 2014), foi realizada uma análise de discurso fundamentada nas teorias de Foucault (2007). As cenas foram registradas em diários de observação, nos quais os momentos que discutem transgeneridade e corporeidade intersexo foram destacados. Os diálogos pertinentes aos temas foram transcritos para enriquecer a análise. A partir do discurso apresentado, foram identificadas as subjetivações ligadas à transgeneridade que emergem da novela. Contudo, antes de aprofundar essa análise, é importante compreender o papel da telenovela na produção dessas subjetivações.

1 A telenovela como dispositivo produtor de subjetivações

Lopes (2009) destaca que a telenovela exerce influência significativa sobre os hábitos familiares e os processos de constituição da subjetividade. Para a autora, esse formato narrativo tornou-se um dos principais espaços de problematização do Brasil contemporâneo, articulando dimensões públicas e privadas, políticas e domésticas, fatos e ficção, masculino e feminino, por meio de uma linguagem que combina elementos do melodrama e do documentário televisivo.

Assim, a telenovela pode ser pensada também como uma arena simbólica na qual se disputam sentidos e se forjam subjetividades, em articulação com os mecanismos de poder que atravessam o cotidiano. Esse potencial discursivo da novela se relaciona com a perspectiva genealógica de Foucault (1999), pois a telenovela, ao veicular discursos que circulam e se legitimam como verdades sociais, opera como um espaço de poder que molda saberes e subjetividades, influenciando as relações sociais e a constituição dos sujeitos.

Na concepção de Foucault, o poder não é algo que se possui, mas algo que se exerce por meio de dispositivos — redes de práticas e mecanismos que operam em diferentes dimensões

sociais. O conceito de dispositivo envolve a articulação entre discurso e prática, abrangendo ideias, ações, atitudes e comportamentos (Poster, 2000).

Dessa forma, a organização da sociedade ocorre por meio de dispositivos, que atuam de forma preventiva, gerenciando as possibilidades de comportamento dos indivíduos. Foucault (2001) compreende o dispositivo como um conjunto heterogêneo e dinâmico de elementos — como discursos, leis, instituições e práticas — articulados estrategicamente em resposta a urgências históricas, sempre atravessados por relações de poder e saber.

Dois pesquisadores trabalharam com o conceito de dispositivo de Foucault e trouxeram contribuições importantes para as discussões sobre o termo: Deleuze e Agamben. Em suas leituras da obra de Foucault, Deleuze (1990) afirma que o conceito de dispositivo é multifacetado e está fundamentado em três eixos principais: saber, poder e subjetivação. Para o autor, os dispositivos funcionam como *máquinas* que fazem as pessoas verem e falarem. O filósofo afirma que pertencemos a dispositivos nos quais agimos e que moldam nossas formas de viver.

Agamben (2009) analisa como Foucault utiliza o conceito de dispositivo para compreender as instituições, os processos de subjetivação e as regras que estruturam as relações de poder. O dispositivo é descrito como aquilo que captura, orienta e regula comportamentos, discursos e práticas, sendo um operador central na forma como o poder incide sobre a vida. O conceito de subjetivação, compartilhado por Foucault, Deleuze e Agamben, refere-se justamente à maneira como os sujeitos são moldados por essas estruturas e se relacionam com elas.

É importante destacar que, embora relacionados, os conceitos de subjetividade e subjetivação são distintos. A subjetividade refere-se às formas de existir, sentir e compreender o mundo, ligadas à experiência individual (Tedesco, 2006; Foucault, 1995). Já a subjetivação diz respeito aos processos históricos e sociais que produzem essas formas de existência, variando conforme o contexto (Fischer, 2002).

Apesar de não mobilizar diretamente essa tradição teórica, Lopes (2009) aponta para a força social e simbólica da telenovela brasileira, reconhecendo-a como uma forma narrativa que interfere nos hábitos cotidianos e nos modos de perceber e sentir do público. Assim, ainda que por outra via, sua análise contribui para pensar como produtos midiáticos podem operar como instâncias de produção de sentido e transformação subjetiva. Para a autora, na telenovela, “se

conjugam ações pedagógicas tanto implícitas quanto deliberadas que passam a institucionalizar-se em políticas de comunicação e cultura no país” (Lopes, 2009), p. 32).

Fischer (2002) considera que a mídia opera como um dispositivo pedagógico na constituição de sujeitos e subjetividades na sociedade contemporânea, “na medida em que produz imagens, significações, enfim, saberes que de alguma forma se dirigem à ‘educação’ das pessoas, ensinando-lhes modos de ser e estar na cultura em que vivem” (Fischer, 2002, p. 153).

Esse papel educativo se manifesta especialmente por meio dos discursos veiculados pelas telenovelas, que funcionam como espaços privilegiados de produção simbólica. À luz de Foucault, o dispositivo pode ser compreendido como um mecanismo que promove processos de subjetivação ao moldar e direcionar os discursos que circulam socialmente. Por meio da produção e circulação desses discursos, o dispositivo estabelece normas, valores e comportamentos que influenciam diretamente a forma como os indivíduos se percebem e se posicionam no mundo, operando, assim, como uma tecnologia de poder e de formação cultural.

2 O discurso como produtor de subjetivações na telenovela

Como os processos de construção da identidade dos sujeitos ocorrem no interior da linguagem e do discurso, este artigo passa a analisar o discurso sobre gênero e corporeidade intersexo a partir da recorrência de enunciados em *Renascer* a partir das personagens Buba e Cacaú.

A existência de determinado objeto discursivo é estudada por Foucault (2007), como já mencionado, a partir das diversas regras de formação de um discurso. Para o autor, as condições de surgimento de um objeto discursivo dependem do contexto histórico e das relações que esse objeto estabelece com outros.

Essas relações delimitam os objetos que podem ser enunciados, impondo formas ou mesmo exigindo que, em certas circunstâncias, o discurso enuncie determinadas proposições. Estabelecem o conjunto de relações que o discurso precisa operar para poder abordar certos objetos, autorizando ou impedindo suas abordagens. No caso da mídia, duas condições principais estimularam mudanças no modo como o tema da transgeneridade e da corporeidade intersexo passou a ser tratado: por um lado, o fortalecimento e a crescente visibilidade dos movimentos sociais LGBTQIAPN+; por outro, a necessidade de as emissoras comerciais se

posicionarem como socialmente responsáveis, adotando estratégias de marca voltadas para o mercado (Rocha, 2010).

A tematização de gênero e corporeidade intersexo em *Renascer* pode ser compreendida como pertencente a uma mesma formação discursiva, definida por Foucault (2007), como um conjunto de enunciados, práticas e discursos que estão interligados e que compartilham uma regularidade. Essas formações não são simplesmente agrupamentos de ideias ou expressões, mas sistemas estruturados que envolvem relações de poder, saber e verdade.

No discurso sobre gênero e corporeidade intersexo de *Renascer*, por exemplo, é possível identificar tais regularidades e coerências que configuram uma formação discursiva reconhecível e operante dentro desse contexto narrativo.

3 O discurso como produtor de subjetivações na telenovela

Esta seção — *O discurso como produtor de subjetivações na telenovela* — dedica-se à análise das recorrências discursivas sobre gênero e sexualidade presentes na telenovela *Renascer*, com o objetivo de compreender como tais enunciados contribuem para a constituição de processos de subjetivação. A partir da noção foucaultiana de formação discursiva, busca-se identificar regularidades na forma como essas temáticas são abordadas, atentando para os discursos que se reiteram, as posições que os sujeitos são convocados a ocupar (sem se tratar da intenção autoral, mas da posição discursiva que torna possível a emergência do sujeito) e os efeitos de sentido que tais articulações produzem. Trata-se, portanto, de investigar como a telenovela, enquanto dispositivo midiático, participa da produção de saberes e práticas que moldam modos de ser, agir e existir na cultura contemporânea.

Ao explorar a relação entre discurso e subjetivação, busca-se evidenciar como a narrativa televisiva atua na produção de identidades, promovendo modos específicos de ser, agir e compreender o mundo a partir das categorias de gênero e corporeidade intersexo. A telenovela, enquanto dispositivo midiático, não apenas reproduz representações sociais, mas também participa ativamente da constituição de subjetividades, ao oferecer enunciados que orientam práticas, afetos e reconhecimentos. Nesse contexto, os discursos veiculados pela trama operam como tecnologias de poder, capazes de instituir normas e, simultaneamente, abrir brechas para experiências dissidentes e formas alternativas de existência.

Mais do que a mera frequência de repetições, o que se revela fundamental nas recorrências enunciativas é a regularidade com que determinados enunciados emergem. Essa constância é o que permite a conformação de padrões discursivos, sustentando a produção de sentidos e contribuindo para a construção de regimes de verdade em um dado contexto histórico e cultural.

A educação para gênero e corporeidade intersexo, quando associada ao conceito de telenovela como dispositivo, implica a análise de como esse formato narrativo pode operar como ferramenta de reflexão e construção de sentidos sobre tais temas. O conceito de *dispositivo*, conforme proposto por Foucault, permite compreender a telenovela não apenas como produto de entretenimento, mas como um mecanismo de produção de saberes, capaz de influenciar, educar e modelar formas de compreender o mundo. Nesse contexto, a telenovela atua na constituição de subjetividades ao transmitir discursos que orientam práticas, valores e modos de ser, tornando-se um espaço simbólico de disputa e formação cultural.

Em *Renascer*, Buba é uma psicóloga que vive um relacionamento amoroso com o publicitário Venâncio. Diante do temor da reação de seu sogro, José Inocência — um fazendeiro tradicional cujo maior desejo é tornar-se avô —, ela opta, inicialmente, por ocultar sua identidade como mulher trans.

Michel Foucault (2009) ofereceu uma perspectiva inovadora ao compreender o sexo como uma construção discursiva. Em sua abordagem, tanto o sexo quanto a sexualidade deixam de ser considerados dados naturais e passam a ser entendidos como produções históricas e culturais, constituídas por meio de discursos e atravessadas por relações de poder.

Nos anos 1990, Judith Butler, em sua obra *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*, seguiu os caminhos foucaultianos ao questionar a suposta naturalidade do sexo e do gênero, propondo uma abordagem discursiva que desafia essencialismos. Para Butler (2016), é fundamental desconstruir categorias como *homem*, *mulher*, *macho* e *fêmea*, evidenciando que tais classificações são construídas dentro de uma matriz heterossexual normativa. Em sua perspectiva, o gênero não é algo que se é, mas algo que se faz — não deriva diretamente do corpo, mas é produzido e reiterado por meio de performances reguladas socialmente. O gênero, nesse sentido, é fluido, relacional e constituído pela repetição de normas que moldam os modos de ser e existir.

Assim, o gênero não é natural ou essencial. Pelo contrário, é o ato de nomear um corpo — atribuí-lo como macho ou fêmea, masculino ou feminino — que o constitui socialmente. Butler (2016) rompe com a ideia de que sexo, gênero e sexualidade estão necessariamente ligados de forma fixa ou binária. Suas reflexões são fundamentais para compreender a transgeneridade, que, embora sempre tenha existido, foi por muito tempo tratada sob uma lógica estritamente biológica e vista como uma anomalia.

De acordo com Preciado (2014), Butler entende o gênero "não como uma essência ou verdade psicológica, mas como um corpo performativo e uma prática discursiva através da qual o sujeito adquire inteligibilidade social e reconhecimento político" (Preciado, 2014, p. 95). A noção de performatividade de gênero, em Butler (2016), diz respeito à repetição de atos, gestos, expressões e desejos que, mediados pelos discursos, constroem nos corpos a ilusão de uma identidade interior de gênero, reforçando normas de masculinidade e feminilidade voltadas à manutenção da heterossexualidade compulsória. No entanto, mesmo diante dessas construções, Butler defende que o gênero pode ser reinventado e subvertido — como exemplificado pelas vivências das pessoas trans.

Preciado (2014) expande essa discussão ao argumentar que o gênero não é apenas performativo, também resultado de tecnologias sociais e biomédicas complexas que moldam os corpos. Para autor, o gênero é "um sistema complexo de estruturas reguladoras que controlam a relação entre corpos, instrumentos, máquinas e usos" (Preciado, 2014, p. 79), apontando para um entrelaçamento entre corpo, tecnologia e poder que vai além da performance e envolve o próprio processo de produção dos sujeitos sexuados.

Nesse contexto, compreender as categorias de identidade de gênero torna-se fundamental para analisar como esses mecanismos reguladores operam socialmente. Entende-se por pessoa cis aquela que se identifica com o gênero atribuído ao nascer, enquanto a transgeneridade inclui pessoas transgêneras e travestis. A distinção entre esses grupos, porém, não pode ser feita apenas com base em gênero e sexualidade, sendo necessário considerar fatores como classe, raça e geração (Barbosa, 2010). Há, assim, uma disputa simbólica e política em torno dessas nomenclaturas. Além disso, pessoas transgêneras podem ser binárias — identificando-se como homens ou mulheres — ou não-binárias, quando não se restringem a essas categorias.

Neste momento, o presente trabalho volta-se à apresentação da decupagem de cenas em que as questões de gênero e corporeidade intersexo são tematizadas, com o objetivo de analisar os elementos narrativos e discursivos que acionam processos de subjetivação vinculados às experiências trans e intersexo.

No enredo da telenovela *Renascer*, a personagem Buba enfrenta múltiplas camadas de preconceito: a rejeição por parte dos pais, o julgamento social e os desafios relacionados ao desejo de exercer a maternidade. Após a morte de Venâncio, seu companheiro, Buba encontra acolhimento em José Augusto, irmão do ex-namorado, com quem estabelece um novo vínculo afetivo. No capítulo 15, ainda durante o relacionamento com Venâncio, conforme indicado na Quadro 1, ocorre a revelação de sua transgeneridade — momento que marca uma inflexão importante na narrativa e potencializa os efeitos de sentido associados à construção de sua subjetividade.

Quadro 1 – Subjetivação sobre Transgeneridade no Capítulo 15

Recorrência Enunciativa: Educação para Transgeneridade	
Decupagem da Cena:	
Buba: Eu [...] Eu sou uma mulher trans, Venâncio. [...]	
Venâncio: Como assim? Você? Você não é uma mulher de verdade?	
Buba: Eu sou mulher de verdade desde que eu me compreendo como gente.	
Venâncio: Você pretendia me contar isso quando, hein?	
Buba: Isso? Isso o quê?	
Venâncio: Isso. Que você era homem, hein?	
[...]	
Buba: Eu sou mulher, Venâncio.	
[...]	
Buba: Eu não sou isso. Eu sou gente. Eu sou uma pessoa.	
Processo de subjetivação acionado:	
Nessa cena, Buba desconstrói a ideia de que a genitália define o gênero, reafirmando que ser mulher vai além de características biológicas. Ela também aborda a sexualidade de Venâncio, explicando que, na relação entre os dois, nenhum deles seria homossexual, desmistificando estigmas comuns sobre casais com pessoas trans.	

Fonte: Elaborado pelos autores.

No capítulo seguinte, há um diálogo, descrito na Quadro 2, dela com Teca, adolescente grávida que Buba atropela no início da novela e acolhe em sua casa, em que ela explica o que significa a transgeneridade.

Quadro 2 – Subjetivação sobre Transgeneridade no Capítulo 16

Recorrência Enunciativa: Educação para Transgeneridade
Decupagem da Cena:
Buba: Eu não sou uma mulher cisgênera como você. Teca: Que que isso? Buba: Eu nunca me identifiquei com o gênero que me foi imposto desde o nascimento. Eu sou uma mulher trans. <i>[sic]</i> Cê não entende? Teca: É tipo uma mina que nasceu moleque? Buba: A grosso modo é isso, mas não é exatamente isso. [...] Buba: Nós seres humanos temos o sexo biológico menino ou menina. Só que a gente também tem o gênero. O gênero, Teca, é uma construção social e, através dele, vem toda essa questão, né, jeito de se vestir, de se portar, até mesmo brinquedo que você pode brincar na infância.
Processo de subjetivação acionado:
Nesse diálogo, o foco esteve em esclarecer a diferença entre cisgeneridade e transgeneridade. A personagem Buba se aproxima das discussões que entendem o gênero como uma construção social, enfatizando que a identidade de gênero não está necessariamente atrelada ao sexo biológico. No entanto, ela ainda trata o sexo como algo biológico e imutável, perspectiva que é contestada por abordagens como a teoria <i>queer</i>, que propõem que o sexo também é atravessado por normas culturais e construções sociais.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Além desse momento, em outros três trechos da novela *Renascer*, é José Augusto quem assume o papel de explicar a condição de Buba — como ocorre, por exemplo, no capítulo 102, conforme analisado no Quadro 3.

Quadro 3 – Subjetivação sobre Transgeneridade no Capítulo 102

Recorrência Enunciativa: Educação para Transgeneridade
Decupagem da Cena:
José Augusto: Buba sempre se compreendeu como mulher.

Meire: Sempre não porque ele não nasceu assim. Eu digo porque aquilo saiu de dentro de mim.
José Augusto: Como aquilo?
Meire: Ai, eu [...] Eu não sei como chamar aquela pessoa.
José Augusto: Chama de filha. Dona Meire, não é um órgão que determina a identidade de gênero de uma pessoa.
[...]
José Augusto: Eu sou médico e tô falando com a senhora em termos clínicos. A sua filha não tem nenhum problema.

Processo de subjetivação acionado:

Buba é chamada de *isso* e *aquilo* e, nos dois momentos em que os termos foram empregados, houve uma contestação. A própria Buba questionou Venâncio, como foi visto no Quadro 1, e José Augusto também comenta com a mãe de Buba o uso de *aquilo* em vez de filha. Constata-se um esforço em desconstruir linguagens que exotificam e desumanizam as personagens.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Outro aspecto relevante é que José Augusto, enquanto médico, é o personagem que mais aprofunda, ao longo da trama, a discussão sobre transgeneridade. Há uma tentativa explícita de mobilizar o discurso científico como forma de validar e explicar o que significa ser uma pessoa trans. No entanto, autores da teoria queer alertam que até mesmo o discurso da ciência está impregnado de elementos culturais e normativos. Para Butler (2016), sexo e gênero não são causas originárias, mas efeitos de instituições, discursos e práticas. Em outras palavras, os sujeitos não produzem diretamente essas estruturas; são elas que nos produzem, ao definir e regular categorias como sexo, sexualidade e gênero.

Os outros dois momentos em que José Augusto aborda a questão da transgeneridade ocorrem em diálogos com seu pai, José Inocência, nos capítulos 109 e 111, logo após o patriarca tomar conhecimento da identidade de Buba por meio de Eliana — ex-esposa de Venâncio, que disputa a herança do ex-companheiro com Buba. No capítulo 109, José Augusto afirma ao pai que Buba não é homem, mas mulher, sustentando essa declaração a partir de sua formação médica. Essa cena é significativa por articular o discurso científico como estratégia de legitimação da identidade de Buba, tensionando os valores conservadores do pai e ampliando o espaço de reconhecimento da personagem dentro da narrativa.

Mais uma vez, o fato de José Augusto ser médico é mobilizado como elemento legitimador de seu discurso. Foucault (2007) problematiza as condições que permitem a um

sujeito, dentro do universo dos possíveis, acessar a ordem do discurso. Segundo o teórico francês, os enunciados só adquirem valor e eficácia quando proferidos por uma instância produtora que detenha saber e poder, garantindo, ao menos, uma presunção de verdade. No caso da fala médica, essa autoridade é indissociável do personagem, sendo seu status definido por critérios de competência e conhecimento institucionalmente reconhecidos. No capítulo 111, José Augusto complementa suas explicações ao pai, como indicado na tabela abaixo, reafirmando sua posição discursiva como mediador entre o saber científico e os afetos familiares.

Quadro 4 – Subjetivação sobre Transgeneridade no Capítulo 111

Recorrência Enunciativa: Educação para Transgeneridade
Decupagem da Cena:
Augusto: Buba fez a cirurgia de redesignação de gênero por completo, mas nem todas as mulheres trans fazem. Olhe, meu pai, orientação sexual e identidade de gênero são coisas completamente diferentes. [...] Augusto: Orientação sexual se refere à atração que uma pessoa tem pela outra. Por exemplo, heterossexuais se atraem por pessoas do sexo oposto. Homossexuais se atraem por pessoas do mesmo sexo. Agora, identidade de gênero tem a ver com o gênero que a pessoa se identifica. [...] Augusto: Agora, uma pessoa cisgênera é aquela que assim como eu e o senhor se identifica com o gênero que nasceu, já uma pessoa trans não.
Processo de subjetivação acionado:
José Augusto explica conceitos essenciais, como a diferença entre identidade de gênero e orientação sexual, desmistificando preconceitos e promovendo empatia. Augusto exemplifica com serenidade, usando termos como cisgênero e transgênero para situar as experiências pessoais no contexto de identidades mais amplas, sempre com o intuito de construir uma ponte de compreensão com o pai.

Fonte: Elaborador pelos autores.

Em Renascer, também há educação para gênero e sexualidade a partir do combate à transfobia. Isso se mostra especialmente a partir do capítulo 108, quando Eliana descobre que Buba é uma mulher trans e tentará tirar proveito dessa condição para ser a única herdeira das terras de Venâncio. Nas cenas, descritas no Quadro 5, Eliana conversa com seus amigos Kika e Eriberto e, depois, com Sandra.

Quadro 5 – Subjetivação sobre Transgeneridade no Capítulo 111

Recorrência Enunciativa: Educação para Transgeneridade
Decupagem da Cena:
[Cena com Kika e Eriberto] Eliana: A tal da Buba mentiu. Essa sonsa nem mulher é. [...] No documento, é Humberto. Kika: Ela ser trans ou cisgênera não interessa. Ela é mulher. [Cena com Sandra] Eliana: Eu descobri que a Buba não é mulher de verdade. [...] Eliana: Ela é uma mulher trans. Ela não nasceu mulher. Sandra: Buba é uma mulher trans. E aí? Eliana: E aí que eu quero ter uma conversa com meu sogro. Sandra: Vá com calma, Eliana. Eliana: Calma por quê? Sandra: Transfobia é crime.
Processo de subjetivação acionado:
O discurso da personagem Eliana sobre Buba, ao afirmar que "Buba não é mulher de verdade", revela uma postura transfóbica enraizada em concepções essencialistas de gênero. Esse discurso é contestado por outros personagens, que contribuem para novas compreensões sobre o tema.

Fonte: Elaborador pelos autores.

Outros momentos de enfrentamento à transfobia em *Renascença* se manifestam na complexa relação de Buba com seus pais, Humberto e Meire. Inicialmente, ambos demonstram resistência em aceitar sua identidade, evidenciando o impacto profundo do preconceito familiar na trajetória de mulheres trans. Ao longo da narrativa, no entanto, são explorados processos de reconciliação e transformação afetiva. No capítulo 103, Buba visita o túmulo da avó e reencontra a mãe, Meire — que, no capítulo 100, havia pedido que ela se afastasse, mas, após uma conversa com José Augusto, demonstra arrependimento. Nesse reencontro, Buba rejeita os termos impostos pela normatividade cisgênero e reinscreve-se como sujeito por meio de sua própria narrativa de identidade e resistência. Ao afirmar frases como *Me chama de filha* e *Eu nasci assim*, ela reivindica o direito ao reconhecimento segundo sua identidade de gênero, reafirmando sua existência e autonomia frente aos discursos excludentes. Depois desse diálogo, mãe e filha fazem as pazes. Na cena seguinte, eles vão à casa dos pais de Buba e encontram o pai, Humberto, que

só se arrepende no capítulo 173 de *Renascer*, quando pede desculpas por ter estragado a vida de Buba e de toda a família, já que a jovem foi posta para fora de casa, e por não ter sido o pai que deveria ser.

O casamento de Buba e José Augusto também contribui para novas compreensões sobre gênero e direitos. Um pastor realiza a cerimônia. A Igreja Católica não permite que os padres façam a celebração. Em 2020, o papa Francisco revelou ser favorável à união civil de LGBTQIAPN+, mas o Vaticano afirmou que não se estenderia ao ritual nas congregações, apenas na justiça (G1, 2020).

Nas igrejas evangélicas, apenas as comunidades progressistas, inclusivas e ligadas à teologia da diversidade permitem e celebram o casamento de pessoas LGBTQIAPN+. Essas igrejas se destacam por adotar uma interpretação bíblica acolhedora e afirmativa, reconhecendo a dignidade e o direito ao amor de todos os indivíduos, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero.

Embora evidencie que o casamento não está sendo celebrado em uma igreja, é o pastor Lívio, como pode ser visto no Quadro 6, que celebra o casamento de Buba e José Augusto em *Renascer*.

Quadro 6 – Subjetivação sobre Transgeneridade no Capítulo 173

Recorrência Enunciativa: Educação para Transgeneridade
Decupagem da Cena:
Pastor Lívio: Isabella e José Augusto me convidaram aqui na esperança que eu pudesse trazer Deus para abençoar essa união, mas quem sou eu para falar em nome de Deus. Qual a minha importância ou de qualquer pessoa pra determinar onde Deus pode estar ou não. Por exemplo, eu não posso fazer com que Deus abençoe uma união onde não haja amor como eu também não posso negar que Deus já tem abençoado a união entre duas pessoas que se amem verdadeiramente porque Deus é amor e, se houver amor, Deus já está ali. É que essa união já foi abençoada por Deus desde o momento em que vocês se conheceram. Eu estou aqui apenas como um mero coadjuvante, uma testemunha dessa união onde o amor é, foi e sempre será o verdadeiro protagonista. Então, eu desejo que Deus abençoe essa nova etapa da vida de vocês e que esse amor, que é Deus, guie os caminhos de vocês pra sempre. E como eu sou um ministro do evangelho de nosso senhor Jesus Cristo aqui presente, eu vos declaro marido e mulher. Pode beijar a noiva.
Processo de subjetivação acionado:

A celebração do casamento de Buba e José Augusto por um pastor que afirma que Deus abençoa aquela união, apesar do discurso religioso fundamentalista que condena esse tipo de casamento, é um momento de ruptura e ressignificação dentro da narrativa de *Renascer*. Ao acolher e validar a união de uma mulher trans em um contexto religioso, o pastor desafia as interpretações tradicionais e excludentes da fé, promovendo um discurso inclusivo e humanizado. Essa postura não apenas reafirma a dignidade e o direito ao amor das pessoas trans, mas também evidencia a possibilidade de uma espiritualidade que transcende preconceitos, ampliando o entendimento de valores como amor, respeito e justiça divina.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Em relação à corporeidade intersexo, depois do parto de Teca, José Augusto, no capítulo 128, diz a Buba que o bebê de Teca nasceu com a genitália ambígua e que tudo indica de que é uma criança intersexo. Inocêncio é contra levar a criança para o médico, mas cede, depois que José Augusto diz que não há equipamentos necessários na fazenda para garantir a saúde do bebê. Na cena do capítulo 129, em que Inocêncio pergunta o nome do neto, Teca chega a cogitar colocar o nome de Venâncio, mas Augusto comunica a Teca que o filho da jovem precisa ser examinado por um pediatra porque talvez não seja um menino.

Inácia diz para Teca que sua criança veio ao mundo sob as graças de Oxumaré, o Orixá da transformação, que vem à terra em forma de arco-íris, trazendo o feminino e o masculino; mas não pode ser cristalizado nem como um, nem como outro. Inácia diz que Teca vai ao médico para receber essa confirmação. Diz também que a criança é um presente do universo e que Teca vai aprender a aceitar, assim como Buba já aceita, e ela mesma está começando também. Buba e José Augusto levam Teca e a criança para o médico no capítulo 130. Buba tenta acalmar Teca, que espera a conversa com o médico, descrita no Quadro 7.

Quadro 7 – Subjetivação sobre Corporeidade Intersexo no Capítulo 130

Recorrência Enunciativa: Educação para Transgeneridade
Decupagem da Cena:
Dr. Frederico: Dona Maria Teresa, a mãe, à princípio, está 100%. Os exames não deixam mentir, né? [...] Dr. Frederico: Já a criança, à princípio, não apresenta nenhuma disfunção biológica e as funções dos demais órgãos estão bem preservadas.

Buba: Graças a Deus.

Dr. Frederico: Bom, mas tem aquela condição especial.

José Augusto: Sim.

Dr. Frederico: As suas suspeitas estavam certas, Dr. antigamente, chamaríamos de hermafroditismo. Hoje, chamamos de intersexo, que é um conceito mais amplo, engloba o hermafroditismo e outras questões.

Processo de subjetivação acionado:

A subjetivação acionada é marcada por um deslocamento da normatividade biomédica para a emergência de uma possível ética do cuidado e do reconhecimento da diferença corporal. Nesse momento, a criança intersexo deixa de ser entendida apenas como um erro ou anomalia médica — perspectiva historicamente dominante — para começar a ser nomeada como um sujeito possível, que existe fora do binarismo de gênero.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Na novela, duas cenas revelam perspectivas contrastantes sobre corporeidade intersexo: uma fundamentada nos saberes populares e espirituais, e outra baseada no discurso médico. Na primeira, Inácia, mulher de fé e sabedoria ancestral, revela por meio de sua espiritualidade que já sabia que a criança que Teca carrega tem o masculino e o feminino sem serem separados. Essa percepção, vinda de um saber não institucionalizado, reconhece a pluralidade de existências de forma sensível, intuitiva e respeitosa, valorizando uma visão integradora dos corpos e identidades. Em contraste, a cena que envolve o discurso médico apresenta uma abordagem mais normativa e biologizante, em que o corpo da criança é interpretado e classificado a partir de parâmetros técnicos e binários, muitas vezes desconsiderando vivências subjetivas e expressões diversas de gênero. A justaposição dessas cenas evidencia o conflito entre diferentes regimes de verdade sobre o corpo e o gênero: de um lado, a sabedoria ancestral que acolhe o mistério e a fluidez; do outro, o saber científico que busca nomear, classificar e, por vezes, limitar as possibilidades de existência.

Na volta do consultório, no mesmo capítulo, José Augusto pergunta para Teca que nome pretende dar para a criança, que responde questionando se precisa pensar agora. O médico diz que não precisa, mas seria bom. Ao propor um nome neutro, Buba introduz a possibilidade de existência para além do regime cisheteronormativo, acionando uma forma de subjetivação não antecipatória — ou seja, que não impõe à criança uma identidade de gênero antes que ela possa construí-la por si.

Buba pede para José Augusto parar o carro após ouvir Teca desabafar que não sabe o que está fazendo da própria vida. O casal inicia uma discussão, pois José Augusto acredita que Buba se magoou por ele tê-la apresentado como sua esposa ao médico. Enquanto isso, Teca sai do carro, contempla a paisagem à beira da estrada e, num gesto simbólico de afeto e decisão, escolhe o nome da criança. Ela chama Buba e diz: *Cacau*. Sem entender de imediato, Buba questiona, e Teca pergunta se esse poderia ser o nome. A cena se encerra com Teca afirmando que respeitará o tempo da criança e que estará sempre ao seu lado, junto com os padrinhos. Nesse momento, Buba e José Augusto se emocionam com o gesto, que representa acolhimento, reconhecimento e a construção de novos laços afetivos.

Em uma cena do capítulo 136, José Inocência abre a porta do quarto e vê Buba com Cacau nos braços. Ele diz que está admirando a nora com o neto no colo. Depois, diz neta e fala que não sabe como chamar. Buba responde dizendo para ele usar Cacau. “É o Cacau ou a Cacau?”, questiona. Buba explica, como pode ser visto no Quadro 8, para evitar marcadores de gênero.

Quadro 8 – Subjetivação sobre Corporeidade Intersexo no Capítulo 130

Recorrência Enunciativa: Educação para Transgeneridade
Decupagem da Cena:
Buba: Pelo menos até Cacau se desenvolver e entender qual gênero irá preferir. José Inocência: Aí complicou. Buba: Não, mas não tem norma ou regra não. Se nem a gramática está preparada para acolher as pessoas intersexo, imagina o senhor que nunca lidou com esse assunto antes. José Inocência: Mas eu não quero errar, não é? Buba: Mas não tem o que errar não. O importante é a gente aprender juntos, como uma família. José Inocência: Como assim, Buba, o que que você quer dizer? Buba: O que eu quero dizer, seu José Inocência, é que a gente não precisa definir o gênero de Cacau por enquanto. Vamos esperar a criança ir se desenvolvendo, se entendendo o que vai preferir ou não. Se uma coisa só, um gênero ou ambos. Ou nenhum também, né? Mas o importante é a gente dar suporte e ajuda. Isso é que é o mais importante: tornar o processo menos doloroso possível e mais normal.
Processo de subjetivação acionado:
Esse diálogo aciona uma subjetivação ético-afetiva e coletiva, que propõe o reconhecimento do corpo intersexo como uma condição legítima de existência, ao mesmo tempo em que desloca a urgência da normatização de gênero para um processo aberto, cuidadoso e construído em conjunto.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Diante da explicação, José Inocêncio, ainda tentando compreender a situação, questiona se Buba viveu algo semelhante em sua transição. Ela responde que, embora haja pontos de contato no debate sobre identidade de gênero, as experiências são distintas. Ele, então, questiona se é uma anomalia. Buba esclarece que ser intersexo é uma condição biológica natural, que apenas faz com que Cacau não se encaixe nas normas corporais da maioria das pessoas. *Mas isso não significa que seja uma anomalia ou uma doença*, completa, reforçando a importância de reconhecer a diversidade corporal sem patologizar as diferenças.

Pastor Lívio, Buba e José Augusto conversam, em uma cena do capítulo 134, e o líder religioso questiona se há algo para se preocupar em relação à saúde de Cacau. Buba questiona se ele já está sabendo e diz que certos assuntos são delicados para algumas religiões. O pastor, então, diz que da parte dele não há problema nenhum. Afirma que Jesus abraçou e acolheu a todos como irmãos, independente de raça, sexo, religião e classe social. *Afinal, somos todos filhos de Deus, não somos?*

Buba diz, então, que na prática não é bem assim. Ele responde dizendo que só não é para quem não tem Deus no coração. José Augusto pergunta se, do ponto de vista do pastor Lívio, tudo bem Cacau ser uma criança intersexo, que responde dizendo: *Eu acho que o nosso dever é garantir a essa criança o direito de ser criança, abraçando e acolhendo sua condição como natural e não como uma doença ou castigo*. Finaliza dizendo que sabe que o caminho de Cacau não vai ser dos mais fáceis, mas que eles podem criar um ambiente acolhedor dentro de casa. Quando vê a criança, o pastor diz que ela é uma bênção de Deus. Buba e José Augusto comentam que vão entrar em contato com a Associação Brasileira Intersexo para conhecer mais sobre o assunto. A subjetivação acionada a partir desse trecho envolve o processo de negociação entre os discursos religiosos e as questões de identidade de gênero e corporeidade intersexo. O líder religioso, pastor Lívio, expressa uma visão inclusiva e acolhedora.

Considerações Finais

As análises desenvolvidas evidenciam como o remake da telenovela *Renascer* reconfigura sentidos sobre identidade de gênero e corporeidade intersexo, abrindo espaço para novas possibilidades de subjetivação por meio da ficção televisiva. Ao transformar a personagem

Buba em uma mulher trans e introduzir Cacau como um bebê intersexo, o autor Bruno Luperi atualiza os debates presentes na versão original de 1993, incorporando pautas contemporâneas às dinâmicas narrativas. A decisão de deslocar a corporeidade intersexo para a trajetória de Cacau, permitindo que Buba exerça o papel de mediadora afetiva e pedagógica, enriquece a representação das dissidências de gênero e contribui significativamente para a ampliação do repertório simbólico e discursivo sobre o tema.

Essa reescrita dramatúrgica se articula com o que Michel Foucault (2008) denomina *contraconduta* — práticas que, mesmo operando dentro das engrenagens do poder, desafiam seus modos de funcionamento e abrem espaço para outras formas de existência. Ao construir uma narrativa que não apenas dá visibilidade às experiências trans e intersexo, mas as insere em uma lógica familiar e afetiva, *Renacer* configura-se como um dispositivo discursivo de resistência. A telenovela, nesse contexto, transcende sua função de entretenimento e transforma-se em uma arena de disputa simbólica e cultural, onde normas são tensionadas e sentidos mais inclusivos e humanizados sobre as múltiplas expressões da vida são produzidos e compartilhados.

Diante desse cenário, a telenovela se configura como um espaço fértil para a emergência de *contracondutas* — práticas que desestabilizam os modos tradicionais de governo dos corpos e das subjetividades. A maneira como as personagens são construídas e inseridas na trama revela uma rearticulação dos dispositivos de poder, indicando que os meios de comunicação de massa podem operar não apenas como reprodutores de normas, mas também como plataformas de resistência simbólica. Nesse contexto, a ficção televisiva torna-se um campo estratégico para a disputa de sentidos, onde se tensionam discursos hegemônicos e se vislumbram possibilidades de existência mais plurais. Futuras investigações podem aprofundar os efeitos dessas narrativas sobre o imaginário social, suas implicações nas políticas de representação e os modos como atravessam as vivências de pessoas trans e intersexo fora da ficção — especialmente quando articuladas a outros marcadores sociais da diferença, como raça, classe e território.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo?* e outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009. 92 p.
- AMORIM, Ana Roberta. *A cor da minha tela*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2017. Trabalho de Conclusão de Curso. Bacharelado em Jornalismo. Disponível em: <https://acordaminhatela.wixsite.com/>. Acesso em: 16 jun. 2024.
- BARBOSA, Bruno Cesar. *Nomes e Diferenças: uma etnografia dos usos das categorias travesti e transexual*. 130 f. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Antropologia Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-09032010-115929/pt-br.php>. Acesso em: 13 jun. 2021.
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- CARRARA, Sérgio. Políticas, direitos, violência e homossexualidade: uma perspectiva histórica. In: PARKER, Richard (org.). *Sexualidade e saber: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2010. p. 151-178.
- COSTA, Helrison Silva. O Lugar das Contracondutas na Genealogia Foucaultiana do Governo. *Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea*, v. 7, a. 1, 2019, pp. 61-78. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/fmc/article/view/20767>. Acesso em: 8 de maio 2025.
- DELEUZE, Gilles. ¿Que és un dispositivo? In: DELEUZE, Gilles. *Michel Foucault, filósofo*. Barcelona: Gedisa, 1990. p. 155-161.
- FACCHINI, Regina. *Sopa de letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90*. São Paulo: Garamond, 2005.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 28, n. 1, jan./jun., 2002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/27882>. Acesso em: 16 ago. 2024.
- FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hu-bert; RABINOW, Paul. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. São Paulo: Graal, 2001.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. 236 p.
- FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território e População*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. 19 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2009.
- G1. Vaticano diz que declaração do papa Francisco sobre união civil gay não muda posição da Igreja Católica. *G1, Mundo*, Rio de Janeiro, 22 fev. 2020. Disponível em:

<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/11/02/vaticano-diz-que-declaracao-do-papa-francisco-sobre-uniao-civil-gay-nao-muda-posicao-da-igreja-catolica.ghml>. Acesso em: 11 maio 2025.

GODINHO, Eunice Maria. *Educação e Disciplina*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1995.

JORNAL DO BRASIL. *Um escritor com sotaque caipira encara o desafio do horário nobre*. Ed. 332, 6 mar. 1993, p. 71. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

LAURETIS, Teresa De. A tecnologia do gênero. Tradução de Suzana Funck. In: HOLLANDA, Heloisa (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. A telenovela como recurso comunicativo. *Matrizes*, v. 3, n.1, p. 21-47, dez./ago. 2009. Disponível em: https://bdpi.usp.br/bitstream/handle/BDPI/32406/art_LOPES_Telenovela_2009.pdf?sequence=. Acesso em: 20 mar. 2024.

SANTOS, Moara de Medeiros Rocha; ARAÚJO, Tereza Cristina Cavalcanti Ferreira de. *Desenvolvimento da identidade de gênero em casos de intersexualidade: contribuições da Psicologia*. 2006. 246 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2006

MACHADO, Paula Sandrine. De médico a paciente: práticas de medicalização da intersexualidade no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 23, n. 66, p. 109-124, fev. 2008.

MÍDIA DADOS BRASIL, 2024. Disponível em: <https://midiadados2020.com.br/midia-dados-2020.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2021.

PELÚCIO, Larissa. Etnografando travestis: notas para pensar as políticas de identidade e diferença. In: PELÚCIO, Larissa; BENTO, Berenice (org.). *Sexualidades e saberes: convenções e fronteiras*. São Paulo: Garamond, 2009. p. 93-113.

PEREIRA, Paulo Victor Leite Lopes; MURTA, Daniela Cristina. Hermafroditas e o poder dos médicos: discursos sobre sexualidade na medicina brasileira do século XX. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 801-821, jul./set. 2007.

POSTER, Mark. *A segunda era dos média*. Portugal: Celta, 2000.

PRECIADO, Beatriz. *Manifesto Contrassexual*. São Paulo: n-1 edições, 2014.

ROCHA, Maria Eduarda da Mota. *A nova retórica do capital: a publicidade em tempos neoliberais*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

TEDESCO, Silvia. As práticas do dizer e os processos de subjetivação. *Interação em Psicologia*, Paraná, v. 10, v. 2, p. 352-362, jul./dez, 2006. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/7694/5486>. Acesso em: 16 nov. 2025.

Diego Gouveia Moreira - Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Doutor em Comunicação, Universidade de Pernambuco (UFPE). Mestre em Comunicação, UFPE. Graduado em Jornalismo, UFPE. Professor na Universidade Federal de Pernambuco.

E-mail: diego.moreira@ufpe.br

Adriana Santana - Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Pós-Doutora em História Social, Universidade de São Paulo (USP). Doutora em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Mestre em Comunicação, UFPE. Graduada em Jornalismo, UFPE. Professora na Universidade Federal de Pernambuco.

E-mail: adriana.masantana@ufpe.br

Maria Bianca Samara de Menezes Torres - Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Mestranda em Comunicação e Inovação Social, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Graduada em Jornalismo, UFPE.

E-mail: bianca.torres@ufpe.br